



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS VI
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS PORTUGUÊS**

SABRINA FREIRE DA SILVA

**MÃE EM VERSOS:
REPRESENTAÇÕES DA FIGURA MATERNA NA LITERATURA DE CORDEL**

**MONTEIRO – PB
2019**

SABRINA FREIRE DA SILVA

**MÃE EM VERSOS:
REPRESENTAÇÕES DA FIGURA MATERNA NA LITERATURA DE CORDEL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial para a
obtenção do título de graduada em Letras
– Língua Portuguesa

Área de concentração: Literatura
Brasileira

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Medeiros

**MONTEIRO – PB
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586m Silva, Sabrina Freire da.
Mãe em versos [manuscrito] : representações da figura materna na literatura de cordel / Sabrina Freire da Silva. - 2019.
45 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2019.
"Orientação : Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva, Coordenação do Curso de Letras - CCHE."
1. Literatura de cordel. 2. Mãe. 3. Maternidade. I. Título
21. ed. CDD 398.5

SABRINA FREIRE DA SILVA

MÃE EM VERSOS:
REPRESENTAÇÕES DA FIGURA MATERNA NA LITERATURA DE CORDEL

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial para a
obtenção do título de graduada em Letras
– Língua Portuguesa

Área de concentração: Literatura
Brasileira

Aprovada em: 30/10/2019.

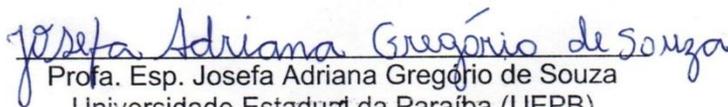
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Simone dos Santos Alves (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Esp. Josefa Adriana Gregório de Souza
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico às mulheres que me maternaram
e me inspiraram: Maria do Carmo Remígio
e Kátia Francisco da Silva.

AGRADECIMENTOS

A Deus por todo cuidado e zelo nos momentos em que quis fraquejar, foi NEle que me apeguei e revigorei.

A minha mãe/ avó Maria do Carmo e minha tia Kátia Francisco por serem minhas inspirações de força e coragem, e, acima de tudo, inspirações maternas.

Ao meu filho Lucca, por ter representado uma grande mudança no rumo dos acontecimentos, o motivo pelo qual me senti incapaz de prosseguir, devido à uma série de cuidados que a maternidade exige, ao mesmo tempo, o motivo pelo qual me senti forte para continuar.

A Renne Keilf, por ter sido afável, mas, sobretudo, por sempre me advertir que eu precisava produzir.

Ao professor Marcelo Medeiros, pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação, pelas correções, e, principalmente, pela compreensão devido às dificuldades da maternidade que resultou num longo período escrevendo este trabalho, e que apesar de querer passar uma imagem de pessoa rigorosa, possui um grande coração.

Aos professores do Curso de Letras que contribuíram para formação da minha identidade enquanto futura professora, em especial, Juanna Costa, Hermano Oliveira, Marcelo Medeiros, Lidiane Quirino e Simone Alves.

Aos colegas de curso, Larissa Alves, Daianny Fernandes e Wltenize Melo por terem ajudado a levar o curso com leveza, e pela amizade que conserva-se além dos muros da universidade.

Eu – Mulher

Uma gota de leite
me escorre entre os seios.
Uma mancha de sangue
me enfeita entre as pernas.
Meia palavra mordida
me foge da boca.
Vagos desejos insinuam esperanças.
Eu-mulher em rios vermelhos
inauguro a vida.
Em baixa voz
violento os tímpanos do mundo.
Antevejo.
Antecipo.
Antes-vivo
Antes – agora – o que há de vir.
Eu fêmea-matriz.
Eu força-motriz.
Eu-mulher
abrigo da semente
moto-contínuo
do mundo.

Conceição Evaristo

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar de que maneira a figura materna está representada na literatura de cordel. Em razão de o cordel ser uma manifestação cultural que reflete, muitas vezes, os valores da cultura que o trouxe à luz, ele versa sobre vários temas e até mesmo acontecimentos cotidianos a partir de certos pontos de vista ideológicos que podem corroborar ou não os valores culturais hegemônicos. Considerando-se o exposto, o presente trabalho é um estudo acerca das imagens e discursos sobre a figura materna na literatura de cordel. O *corpus* de análise é constituído por sete cordéis: *História da mulher defensora: um exemplo de amor maternal*, de Alayde Lima (1941); *Mabel ou lágrimas de Mãe*, de João Martins de Athaide (1956); *O rapaz que bateu na mãe e virou bicho em Feira de Santana*, de Rodolfo Coelho Cavalcante (1967); *Honra o teu pai e a tua mãe*, de Rodolfo Coelho Cavalcante (1970); *Quando minha Mãe morreu*, de Cícero Vieira da Silva (1985); *Os abortos provocados*, de Jota Rodrigues (1997); *Martírios de uma mãe ou dores de Marina*, de Arievaldo Viana Lima (2002). Selecionamos um folheto para cada década encontrada, entre os anos de 1940 a 2000. No tocante à escolha dos exemplares, levamos em consideração no momento da leitura o que possibilitava uma análise de nosso objeto de estudo, qual seja, a figura materna, isto é, os cordéis selecionados versam sobre mães ou tematizam a maternidade. Por isso, foram selecionados. Analisamos o discurso acerca da figura materna com objetivo de verificarmos se há permanência ou alterações nos discursos e nas imagens como a figura da mulher-mãe é representada nas narrativas de cordel que compõem o nosso *corpus* de análise. Para embasar a nossa análise, recorreremos aos estudos de Badinter (1985) que questiona os sentimentos que são atrelados à maternidade no nosso imaginário social, Stevens (2007), que problematiza a identificação biológica ligada à figura feminina, em que a maternidade é o destino de toda mulher, Del Priore (1995), que reflete sobre os estereótipos das santas-mãezinhas.

Palavras-Chave: Mãe. Maternidade. Cordel.

ABSTRACT

The objective of this paper is to analyze the representation of mother figures in *literatura de cordel* (“string” or “*cordel*” literature of Northeastern Brazil). As cultural manifestations that often reflect the social mores of their origins, *cordel*/chapbooks portray a variety of themes and everyday events derived from ideologies that may or may not have corroborated the values of the dominant culture. This paper examines how *literatura de cordel* regards mother figures over time through images and discourse. It investigates seven *cordel*/chapbooks published between 1940 and 2000, one from each decade, by various authors. This paper’s analysis is further supported by studies by Badinter (1985), Stevens (2007), and Del Priore (1995).

Keywords: mother, maternity, *cordel*

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. DE MULHER E DE MÃE: CONSIDERAÇÕES GERAIS.....	14
3. DA MÃE NA LITERATURA DE CORDEL: DISCURSOS E REPRESENTAÇÕES 19	
3.1 A GLORIFICAÇÃO DO SOFRIMENTO MATERNO	19
3.2 A RECUSA DA MATERNAGEM.....	23
3.3 O DESRESPEITO À FIGURA MATERNA LEVA À PUNIÇÃO SEVERA.....	27
3.4 HONRAR OS PAIS É UM IMPERATIVO.....	29
3.5 A MORTE DA FIGURA MATERNA	32
3.6 INTERRUPTÃO DA MATERNIDADE	34
3.7 A MÃE QUE GERA E A MÃE QUE MATERNA.....	38
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
5. REFERÊNCIAS	43

1. Introdução

Na sociedade, o discurso que recai sobre a figura feminina é que a mulher nasceu pra ser mãe. Esse discurso fomentam modos de ser e de existir para as mulheres e a isso está atrelado um conjunto de cobranças para que as mulheres desempenhem esse papel – o de mãe – com excelência. Dentro dessa lógica, o papel da figura materna é uma realidade já prefigurada, a mãe é desenhada como símbolo do amor puro e perfeito, mais conhecido como instinto maternal. Inclusive, existe um conjunto de fatores que servem como elemento para analisar a construção desta figura na sociedade. O primeiro deles é o determinismo biológico, a mulher nasceu para ser mãe. O segundo está associado ao âmbito religioso, que é Maria, figura quase inquestionável, exemplo do amor grandioso. E por último, no contexto sociocultural e patriarcal, a mulher precisa ser rainha-do-lar, boa esposa e, sobretudo, boa mãe.

Conseqüentemente, esse conjunto modelos atribuídos a mulher fez com que alimentasse um paradigma de que o amor da mãe para o filho é universal e esquece que se refere a um sentimento e este pode ser falho, ou seja, pode se modificar a partir da convivência. Ser mãe nem sempre é escolha, muitas vezes as mulheres no casamento são pressionadas a terem filhos, e como vivemos em moldes machistas, quem manda é a figura masculina. Portanto, o amor materno não é algo previsível, mas de costumes e normas estabelecidas ao longo da história. Segundo Badinter (1985), o amor da mãe para o filho é construído a partir da convivência, pois, caso contrário, se ser mãe é um instinto, como se explicam os abandonos, a gravidez indesejada e as mães indiferentes aos filhos.

Pensando nas narrativas poéticas populares que estão ligadas aos acontecimentos cotidianos que lançamos um olhar para a figura materna, visto que, essa manifestação literária é abrangente, e por vezes, segue temas de padrões sociais e até mesmo o falso moralismo do patriarcado. Nesse sentido, podemos encontrar concepções impostas à mulher/mãe que estão distorcidas perante sua realidade.

O *corpus* de análise é constituído por sete cordéis de autores e épocas distintas que têm como temática a figura da mãe ou da maternidade, objeto de nossa pesquisa. O acesso a esses cordéis se deu por meio da consulta ao site da

Cordelteca¹. De início, foram listados por títulos todos os folhetos que sinalizassem para a temática em questão. Nessa primeira sistematização do *corpus*, chegamos a um número total de 52 (cinquenta e dois) cordéis. Em seguida, dada a abrangência do *corpus*, fizemos o seguinte recorte: para cada década encontrada, escolhemos apenas um cordel. O critério para tal escolha foi temático, ou seja, interessavam-nos cordéis que tivessem a figura da mãe como protagonista ou como tema. Isso fez com que deixássemos de lado alguns cordéis que, embora remetesse à figura materna seja no título ou em uma ou outra estrofe, não se voltavam necessariamente para falar de mãe ou de maternidade. Excluímos também de nossa análise aqueles cordéis cuja datação não nos foi possível identificar. Temos consciência de que um único cordel não pode ser tomado como representativo do pensamento de uma década sobre o que é ser mãe e o que é maternar, mas, ainda assim, ele pode ser sintomático de como certos discursos e imagens acerca da mãe e da maternidade foram sendo construídos e reiterados ao longo do tempo.

Ainda assim, essa escolha, poderia nos conduzir a perceber se, com o passar do tempo, os discursos e representações acerca da figura da mãe e da maternidade se manteriam dentro de uma mesma formação discursiva ou se sofreriam alterações. Assim, a sequência de narrativas a serem analisadas se constitui de sete cordéis e, em nossa análise, seguimos a ordem cronológica a partir da data de publicação dos cordéis que constituem nosso *corpus*. Nosso intuito é, portanto, como já sinalizado, verificar, no decorrer do tempo, como as concepções da maternidade estão representadas nesses cordéis e até que ponto há ou não uma mudança no discurso acerca da relação entre mulher, mãe e maternidade, como se ser mãe fosse uma essência, algo imutável e à revelia da vontade da própria mulher.

A partir dessa reflexão, a pergunta norteadora do nosso trabalho é a seguinte: *De que maneira a Figura Materna está representada na Literatura de Cordel?* Para responderemos esse questionamento, temos como base o objetivo principal demonstrar através de cordéis se há mudanças nos discursos acerca da mulher, mãe e maternidade. Para tanto, nos detemos em: 1) analisar a realidade que foi projetada na mulher, bem como as transformações dessa figura; e 2) observar os

¹ Ainda que tenhamos consultado via internet o site da Biblioteca Átila de Almeida e identificado 128 (cento e vinte e oito) cordéis acerca da temática que envolve nosso objeto de estudo, optamos por não nos deter nesses cordéis porque, na ocasião da pesquisa, estávamos impossibilitados de nos deslocarmos até a referida biblioteca para obtermos cópias dos cordéis, uma vez que estes não se encontram digitalizados. Por isso, nossa opção em trabalhar apenas com os cordéis da Cordelteca, já que estão todos disponíveis na internet.

sentimentos que estão atrelados à maternidade, que nem sempre são acompanhados do amor materno. Para alcançar tais objetivos, dividimos o presente trabalho em duas seções. A primeira corresponde à teoria que fundamentou esse estudo, e para isso, discorre sobre a temática da mulher, mãe. A segunda seção diz respeito aos discursos da mãe na literatura de cordel. E por fim, os resultados alcançados com esta pesquisa.

2. De mulher e de mãe: considerações gerais

Ao longo da história, o lugar social da mulher não era semelhante ao homem, uma vez que as relações entre masculino e feminino foram, desde muito tempo, naturalizadas de maneira que o discurso acerca da inferioridade das mulheres foi tido como verdade e, ainda hoje, endossa práticas, falas e ações seja na esfera pública, seja na esfera privada. Como nossa sociedade é de base patriarcal, às mulheres, em sua maioria, foram colocadas em posição de dependência. Consequentemente, isso gerou em torno delas um conjunto de estereótipos que as associavam às ideias de fraqueza, amabilidade, delicadeza, pureza, fragilidade, docilidade. Esses estereótipos contribuíram para que a dominação masculina fosse tida como natural e para que muitas mulheres ficassem presas à esfera privada do lar enquanto não cumpriam seu destino de mulher: casar-se, tornar-se esposa prestimosa e mãe abnegada.

Antes de casarem, as moças eram controladas pelos pais, irmãos e no ato do casamento um deles era responsável por entregá-las aos maridos, ou seja, sempre havia a permanência da dominação de um homem na vida de uma mulher. O casamento livrava a mulher do jugo do pai ou dos irmãos, mas a inseria no jugo do marido. De toda forma, ela permanecia presa à mesma esfera: a do macho. Os homens se consideravam donos das esposas. Consequentemente, como explica Carreira (2010, p. 02):

Às mulheres foi negada, historicamente, a sua genealogia feminina. A sua identidade foi construída em associações ditadas pelo patriarcado. A imposição do sobrenome do pai, do qual a mulher só poderia abrir mão na condição de substituição pelo sobrenome do marido, é símbolo de uma relação de pertencimento que atravessou a história. Genealogicamente, a identidade feminina sempre foi construída em relação a alguém, que era, historicamente, masculino, e essa dependência gerou uma afasia cultural.

Entretanto, esse cenário de opressão, invisibilidade e desvalorização social foi, paulatinamente, sofrendo transformações em virtude de mudanças no papel das mulheres em nossa sociedade, as quais passaram a atuar para além do espaço privado do lar e, até mesmo nesse espaço, muitas foram as mulheres que se opuseram aos ditames do patriarcado. Seja em casa, seja na rua, as mulheres se organizaram contra a opressão e a favor de direitos como o voto, a educação, a igualdade entre os sexos, inserção no mercado de trabalho dentre outros. A luta do

feminino por vez e voz não acabou. Ela permanece, inclusive porque hoje essa luta é para que direitos já conquistados não venham a ser cassados. Direitos esses que incidem sobre o modo de ser e de existir das mulheres, sobre o seu próprio corpo, sobre seus desejos, sobre a ressignificação dos tradicionais papéis femininos de esposa e mãe.

Acerca da maternidade como estratégia de dominação do feminino, lembremos as seguintes palavras de Del Priore (1995), ainda que ela se refira ao nosso período colonial:

A comunhão entre o desejo institucional de domesticar a mulher no papel da mãe e o uso que as populações femininas fizeram deste projeto foram tão bem sucedidos que o estereótipo da santa-mãezinha provedora, piedosa, dedicada e assexuada construiu-se no imaginário brasileiro no Período Colonial e não mais o abandonou. (DEL PRIORE, 1995, p.6)

Essa era, pois, a imagem da mãe ideal, um modelo de mulher forjado pelas opressões patriarcais e em conformidade com os moldes da igreja católica. Suas características eram voltadas para o ambiente familiar, já que a mãe ideal era a mulher que governava a casa, educava os filhos nos princípios da fé cristã. A mãe ideal tinha, então, como altar o espaço privado do lar. As mulheres que rompiam esse ideal e, portanto, faziam oposição às santas-mãezinhas eram denominadas de “sem qualidade”, eram demonizadas ou excluídas socialmente.

Como vemos, a imagem modelar de mãe tem associação direta com a imagem da virgem Maria, símbolo do amor oblato, da pureza e da entrega total. Por essa razão, questionar a maternidade como o destino de toda mulher torna-se um tema difícil, visto que a maternidade, segundo a ideologia patriarcal, está inscrita na natureza das mulheres. Embora não negue a importância da maternidade como uma experiência por que as mulheres podem passar, Badinter (1985) questiona se o amor materno é um instinto, uma tendência inata ou um comportamento social que se transforma de acordo com a época porque “Todos sabem que o amor não se exprime a todo momento”, (BADINTER, 1985, p.15).

A cultura projeta na mulher a vocação para ser mãe, e ainda, uma boa mãe, acompanhada da imposição dos sentimentos mais sublimes: “Os valores de uma sociedade são, por vezes, tão imperiosos que têm um peso incalculável sobre os nossos desejos” (BADINTER, 1985). Entretanto, a missão de ser mãe é carregada de deveres, atenção e cuidados, é uma tarefa complexa por que nem todas as

mulheres desejam passar, embora a maternagem seja tida como uma atividade exclusivamente da mãe cuidar dos filhos e não uma função que pode ser compartilhada com o pai. No estudo que realizou, Badinter (1985) chega à conclusão de que o amor materno se configura como um mito. Isto é, ele não é um instinto feminino, mas, sim, produto de normas e costumes estabelecidos ao longo da história, que objetivaram domesticar as mulheres a partir da maternidade. Esta “[...]é um instinto que se manifesta em umas e não em outras? Devemos considerar "anormais" todas as que o desconhecem? E que pensar de um comportamento patológico que atinge tantas mulheres de condições diferentes e dura há séculos?” (BADINTER, 1985). Se o amor materno é um instinto, como se explicaria algumas situações em que a maternidade não serve como lenitivo para as mulheres, tais como gravidez indesejada, a prática de abortos, a indiferença com os filhos, o abandono de crianças e até mesmo o infanticídio. Por isso, Badinter (1985, p. 23) arremata:

O amor materno é apenas um sentimento humano. E como todo sentimento, é incerto, frágil e imperfeito. Contrariamente aos preconceitos, ele talvez não esteja profundamente inscrito na natureza feminina. Observando-se a evolução das atitudes maternas, constata-se que o interesse e a dedicação à criança se manifestam ou não se manifestam. A ternura existe ou não existe. As diferentes maneiras de expressar o amor materno vão do mais ao menos, passando pelo nada, ou o quase nada.

Nesse sentido, é preciso ter em vista a realidade de cada mulher, ter um olhar de dentro para fora. A sociedade acabou construindo tipos de mãe, exemplo do amor perfeito, contemplada com o instinto, esquecendo que o fato de ser mãe não é algo previsível, e sim uma relação dotada de complexidade, de renúncias, imposições, dentre outros fatores que levam muitas mulheres a não se sentirem bem nesse papel e por isso o recusam.

Para Stevens (2007) a maternidade é umas das experiências mais satisfatórias para a maioria das mulheres, desde o ponto de vista físico até o psicológico. Entretanto, concepções limitadas aos âmbitos religiosos, mitológicos e socioculturais têm distorcido a ideia da maternidade, uma vez que, por exemplo, se levarmos em consideração apenas a questão biológica, estaríamos anulando a diversidade que a maternidade abarca, já que ela se manifesta de outras formas, a exemplo da mãe adotiva, a mãe lésbica, o homossexual que é mãe, a mãe de aluguel, a mãe solteira, a mãe prisioneira, dentre outras.

Quando falamos a palavra *mãe*, inconscientemente associamo-la a outras funções como: dedicação absoluta aos filhos, ao lar, ao marido, sem contar os sentimentos que também são atrelados a isto. De acordo com Stevens (2007), a maternidade era definida por meio de um conjunto de comportamentos e sentimentos impostos pela ideologia patriarcal, que se limitavam ao espaço doméstico, ao empenho em educar os filhos, à falta de desejo sexual, à rejeição ao trabalho assalariado. Portanto, as mães que não se integravam nessa idealização eram vistas como mulheres que estavam cometendo uma espécie de sacrilégio.

Tuttle (1997) (*apud* STEVENS, 2007, p.24) pontua três fases do posicionamento das feministas em relação à maternidade. A primeira diz respeito à eclosão do movimento e à influência de Simone Beauvoir no final dos anos 60, que gerou nas feministas uma desconsideração da identificação biológica. Em outras palavras, elas não concordavam com as definições de maternidade associadas apenas ao corpo da mulher, e esses princípios as levaram a se abster de assuntos relacionados à maternidade, pois supunham que estavam sendo limitadas à condição biológica. Na segunda fase, a partir dos anos 70, as feministas buscaram desvirtuar os sentidos da maternidade impostos pelo patriarcado, e, além disso, reverenciaram a qualidade de ser mãe, em virtude de que se trata de uma particularidade que dá início à vida e nada mais justo que evidenciá-la no campo ficcional. Por fim, no momento atual, há uma ressignificação dos termos mãe/maternidade/maternal, que pode incluir interconexões entre os extremos: poder e opressão, autorrealização e sacrifício, reverência e desvalorização.

Logo é a partir dessa complexidade que precisamos considerar a maternidade, sobretudo dando ênfase às histórias/experiências que as mães têm para contar, caminho esse que já vêm sendo trilhado por várias escritoras e teóricas feministas que estão tecendo pensamentos diferentes aos anteriores, sem naturalizar as representações do patriarcado, mas dando atenção ao sentido da maternidade, da gravidez, do parto, dos cuidados das crianças, com base nos relatos de mães.

Portanto, se pensássemos no contexto da maternidade, que é, sobretudo, retratado pela mulher, seria viável que este tema reunisse a participação feminina na posição de autoras, pois suas experiências colaborariam para construções de discursos singulares. Entretanto, quando o assunto é mãe/gravidez/maternidade, a visão masculina é predominante na literatura de cordel. De acordo com Stevens

(2007), há ainda uma carência em relação a textos escritos por mulheres que abordem a importância da maternidade e do seu papel transformador na gestação. Pois como já foi mencionado, até aproximadamente os anos 70, havia poucas pesquisas acadêmicas em que a maternidade fosse temática principal, poucos estudiosos analisaram recriações do patriarcado ou o fato das mães aceitarem essas opressões passivamente.

A autora pontua que a mãe estava apenas como um complemento nestas pesquisas, por isso, o estudo de textos literários nos quais a presença da figura materna se faz notar é importante, uma vez que a literatura pode contribuir para o rompimento do “silêncio sobre gestação, parto, relação mãe/filha, maternação”. Na atualidade, ainda segundo Steves, nota-se um número crescente de produções literárias em que a figura da mãe está presente, contudo, são escassas as mães que assumem o lugar de autora para falarem da maternidade.

Essa escassez de mães autoras dá espaço para ecoar ficções de autoria masculina, e desta forma, reforça definições de maternidade desarmônicas, em razão de serem percepções atribuídas a mãe, sob o olhar masculino, que causa um confronto de sentidos entre discurso e realidade feminina. Por vezes as mães acabam se tornando personagens generalizadas, ou seja, suas imagens são idealizadas ou até mesmo demonizadas. Stevens (2007, p.16) expõe isto da seguinte maneira:

[...] as representações idealizadas da maternidade tentavam esconder uma realidade bem diferente, sobretudo aquela vivida pela classe trabalhadora, onde a maternidade fora do casamento e o infanticídio não eram incomuns, além da alta taxa de mortalidade infantil causada por acidentes, doenças infecciosas, desnutrição.

A autora nos incentiva a violar esses estereótipos construídos na sociedade e representados na literatura, de fato há um distanciamento entre realidade e idealização, pois como já pontuamos são construções de modelos de mulheres/mães na maioria das vezes sob a perspectiva religiosa, patriarcal.

Embora as análises deste trabalho não se detenham tanto as discussões das mães enquanto autoras, a ausência das mulheres na posição de escritoras nos cordéis brasileiros é notória, e quando falamos de mulheres nem sequer estamos incluindo a mulher-mãe.

3. Da mãe na literatura de cordel: discursos e representações

Em virtude das transformações da figura materna, nasce a proposta desta pesquisa para entender esses processos através da literatura de cordel. Apoiamo-nos na literatura, porque a partir dela é possível entender o contexto, bem como as mudanças da figura a ser analisada. Portanto, nesta seção, serão analisados cordéis em que a maternidade esteja marcada. Tentamos descrever os sentimentos que são atrelados a essa função, e refletir sobre imposições do patriarcado, que, por vezes produzem características que não condizem com a realidade da maternagem.

3.1 A glorificação do sofrimento materno

O folheto “História da mulher defensora – um exemplo de amor maternal”, escrito por Alayde Lima, em 1941, narra a história de uma senhora que possuía riquezas, um lar nobre, tudo isso graças ao marido que tinha o cargo de engenheiro. Aqui, já notamos que o cordel representa o masculino como pertencente à esfera pública e o feminino como circunscrito à esfera privada. No caso da personagem protagonista, cabia a ela cuidar da casa e dos quatro filhos, uma vez que o marido, engenheiro, era o responsável por prover a família, mas ele não cumpre a contento com este papel, uma vez que dilapida toda a fortuna a partir de gastos com jogos de azar:

Numa pequena cidade
 Em um país estrangeiro
 Residia uma senhora
 Que tinha muito dinheiro,
 Possuía três filhinhos
 O marido era engenheiro.
 [...]

E assim Felínia esperava
 Quatro filhos completar
 Vivia bem satisfeita
 Por em nada então pensar
 Porque nada lhe faltava
 No seu rico e nobre lar.
 [...]

Mas como tudo se transforma
 E o tempo vai mudando
 Como a glória sempre passa
 E as flores vão se murchando

Todo o dinheiro que tinham
Napoleão foi jogando.

Foi retirando do cofre
De dez em dez foi tirando
O cobre foi se sumindo
E Napoleão foi jogando
Casas e propriedades
Foi pouco a pouco se acabando.

[...]

Felinia vendo o seu lar
Em miséria transformando
Passando necessidade
Morando em rancho alugado
Chorava a noite e o dia
Com seu lar desamparado.

[...]

Pobre lar sem um conforto
Pobre mãe desventurada,
Além de passar a fome
Era por ele espancada,
Sofria tristes martírios
Como em uma cruz pregada.

Como se pode perceber, a imagem de mulher que o discurso do cordelista reitera é a da esposa e mãe devotada ao lar, ao marido e aos filhos. Felínia, a princípio, sofre resignadamente com os desmandos e as agressões do marido, como se passar por tais sofrimentos fosse algo inerente à figura feminina e, portanto, digno de ser enaltecido. Perdura aí a ideia de que, em nome da família, a mulher deve suportar todas as dores. No caso de Felínia, como se não bastasse o sofrimento causado pelo marido, ela ainda sofre por causa de um filho a quem o esposo quer converter em “um homem vil, sem pudor”:

Aquele pai desonrado
Além de ser jogador
Ainda forçou a esposa
A sofrer mais outra dor
Querendo fazer do filho
Um homem vil, sem pudor

E a criança inocente
Sem poder se defender
Napoleão embriagado
Procurava lhe bater
Felinia criou um ódio
Que fez o tino perder.

[...]

Reunindo os três filhinhos
 Preparou sua jornada
 O esposo assassinado
 Com a arma traspassada
 Sobre o peito havia sangue,
 Ela olhou martirizada.

Ante a possibilidade de ver o filho maculado moralmente pelos vícios do pai, Felínia, fazendo jus ao seu próprio nome, torna-se uma fera e, em defesa do filho, mata o próprio marido. Subjacente a essa ação, está a ideia de que o “instinto materno” falou mais alto. Felínia se torna assassina, mas o crime que comete não causa horror, já que ela agiu como mãe que procurar defender a própria cria. Dentro da lógica de representação sobre masculino e feminino que engendra o discurso do cordel em análise, o martírio maior de Felínia seria ter deixado o filho ser desencaminhado, moralmente, pelo próprio pai. Grávida e foragida, sem uma profissão ou fortuna alguma, ela precisa cuidar dos filhos. Por isso, começa a trabalhar, o que nunca fizera antes:

Em terra desconhecida
 Felinia foi habitar
 Alugou uma casinha
 Para seus filhos crear
 Foi servir de cosinheira
 Para a eles sustentar.

Diante da humilhação
 Que lhe fazia sofrer
 Fera-lhe o coração
 Aquele triste viver
 Se não possuisse filhos
 Seria melhor morrer!

Porém o amor de mãe
 Forçava a sacrificar
 Apesar de perseguida
 Queria os filhos crear
 Pra quando fossem grandes
 Seu intento realizar.

[...]

Perseguida pela polícia
 Precisou se retirar
 Saiu daquela cidade
 Noutra casa foi morar
 Foi trabalhar numa fábrica
 Para disso se livrar

Como humilde tecelona
 Felinia se dedicou
 Aí demorou três anos
 E nessa fase ficou
 Quando outra vez perseguida
 De novo se retirou.

Como se pode notar, o cordel reitera a ideia de que o amor de mãe é capaz de tudo, inclusive matar, e pelos filhos, conseqüentemente, deve suportar todas as dores e sacrifícios, mesmo que sejam provocados por eles próprios:

Mabel também era ingrata
 Não sabia conhecer
 O amor puro de uma mãe
 Não queria compreender,
 Odiava a própria mãe
 Era assim o seu viver
 [...]
 Depois de passados anos
 Nessa vida desgraçada
 Miguel quebrou uma perna
 Quando descia a escada,
 Felinia quase enlouquece
 Com a alma transpassada.

Como o amor de mãe é puro
 E também sentimental
 A pobre mãe foi depressa
 Combater aquele mal
 Foi junto ao leito do filho
 Daí-lhe o beijo maternal.

Segundo Lima (2006) esse tipo de personagem é tudo o que se entende culturalmente como maternal, pois o folheto reproduz a vivência com os filhos que se caracteriza por relações conturbadas, ingratidão, ódio, mas que o amor maternal se sobressai. Segundo a autora, mãe é símbolo de carinho e proteção, ou seja, são características culturais que logo são retomadas frente aos sentimentos negativos.

O sofrimento parece ser a glorificação da maternidade, como se toda mãe, para provar que realmente é mãe, tivesse que passar por algum tipo de dor. De acordo com Badinter (1985), a maternidade no século XIX era vista como um sacerdócio, uma vivência marcada pela felicidade, mas, sobretudo pelos sofrimentos e dores, “uma carreira onde só semeiam flores caminhando sobre espinhos”, (BADINTER, 1985, p. 249). A autora afirma que, para que uma mulher cumpra sua vocação de mãe, é preciso resistir tranquilamente às dores e provações da maternidade.

3.2 A recusa da maternagem

O cordel “Mabel ou lágrimas de mãe”, escrito no ano de 1957, por João Martins de Athayde, narra a história de quatro personagens femininas: duas mães e suas respectivas filhas. Ambas as mães são viúvas e sentem na pele os desgostos causados pelas filhas. No cordel, as relações entre mães e filhas não são harmoniosas, ainda que o amor materno seja valorizado como algo acima de qualquer diferença:

Amor de mãe! Pura essência
 Que vivica e redime,
 Afeto nenhum se iguala
 Tudo nele se exprime.
 Balsamo sagrado da terra
 O mais belo e o mais sublime

A vida luta e sofre É
 o enigma do mundo
 Os seres vivem na terra
 Em um gemido profundo
 A morte aniquila tudo
 Do mais nobre ao mais imundo

Foi nos Estados Unidos
 Na Virginia Oriental
 Que registrou-se esse caso
 Puramente original.
 Onde se ver claramente
 O grande amor maternal.

A presença de termos como vivica, redime, belo, sublime já vai revelando a perspectiva do cordelista: louvar a maternidade como a grande ação feminina. No verso “Bálsamo sagrado da terra”, o autor se refere ao amor de mãe como algo sagrado, é preservado o discurso de que o sentimento maternal é imutável, inquestionável, neste caso, a expressão sagrado remete aos valores religiosos. Segundo Badinter (1985) esses valores são tão incitadores que as mulheres acabam entrando em conformidade com essas convenções mesmo que a experiência da maternidade lhes cause desconfortos.

Como dissemos, o cordel trata de duas mães viúvas e desempregadas: Mabel, a branca, dona de um pequeno comércio, e Benita Clemente, negra, empregada de Mabel, responsável pela prosperidade econômica da patroa:

Nisto chegou uma negra
 Bem juntinho do balcão
 Perguntou: quer empregada?
 Mabel olhou disse: não
 E ficou beijando a filha
 Não lhe prestou atenção

- Senhora. Falou a negra
 Isto parece ser sina
 Desempregada a 3 meses
 E a fome esta menina
 Não morreu eu agradeço
 A providência divina

[...]

É sua esta menina?
 Mabel logo perguntou
 - é, minha boa senhora
 A pequena ali olhou
 - pode ficar, disse a moça
 A negra contente entrou

- Moça, disse a preta rindo
 Tenho esta filha somente.
 O nome dela é Piúla
 O meu Benita Clemente
 Sou negra mas sou honesta
 Fique bem desta ciente.

[...]

Mabel olhou para a menina
 De fato era bonita
 As tranças negras e belas
 Presa num laço de fita
 Sua côr branca e corada
 A preta feia esquesita

[...]

Benita era inteligente
 Foi ela quem inventou
 A formula desse bolinho
 E com cuidado guardou
 Com o nome de <<panlose>>
 Mabel foi e registrou

[...]

Ora, o bolo de Benita
 Estava tão procurado,
 Que a negra não vencia
 E botou um empregado
 Para ajuda-la no forno,
 Que o serviço era pesado

[...]

Mabel disse: Benita
 Vou agora fabricar,
 A massa desse teu bolo
 Decentemente embalar
 E bota-lo no comercio

Muita gente vai comprar
 [...]
 E com três anos depois
 Mabel estava firmada
 Tinha muitos palacetes
 E uma fabrica montada
 A fortuna da viúva
 Era muito comentada

Mabel ascende a partir da exploração da mão-de-obra de Benita. Ser uma mulher de negócios vai fazer com que Mabel vivencie a maternidade de maneira diferente da que apregoa o nosso imaginário social. Enquanto para Benita ser mãe é “padecer no paraíso”, para Mabel a maternidade serve-lhe de empecilho para a sua própria realização como mulher. Por isso, é preciso viver longe da filha. Mabel expressa o que Elisabeth Badinter (1985) chama de “rejeição à maternidade”. Segundo a autora, as mulheres, sendo mães, não possuíam nenhum retorno social porque esta função não lhe rende nada socialmente.

Por isso, entre ser mãe e ser uma mulher de negócios, Mabel pende muito mais para a busca da autonomia financeira, mas para isso era preciso dar um destino à filha, já que as mulheres, como Mabel, “compreenderam que, para ter direito a alguma consideração, deviam seguir outro caminho que não o da maternagem, pela qual ninguém lhes mostrava gratidão.” (BADINTER, 1985, p.101). Dentro dessa perspectiva, se a maternidade era um imperativo biológico a que muitas mulheres, salvo por algum problema biológico, não podia fugir, a maternagem era algo que elas poderiam se recusar a vivenciar. Por isso, três foram as formas por meio das quais as mães recusaram a maternagem: a entrega do(s) filho(s) a uma ama; a uma governanta ou preceptora, e, por fim, a entrega ao internato. Esta última forma é a que Mabel escolhe para a sua filha:

Queria mandar a filha
 Para educar no estrangeiro
 Não mederia as despesas
 Pois tinha muito dinheiro
 Mabel achou seu plano,
 Um acertado roteiro.

Mabel falou com Benita
 Sua amiga e confidente
 Ela achou muito acertado
 E disse: é muito decente
 Deve educar sua filha

Casa-lá com boa gente

E sua filha Benita ?
Disse Mabel lhe fitando
Oh senhora, disse a negra
Piula fica estudando
No colegio bem pertinho
Fica comigo morando

Quer que ela vá com Cilene?
Disse Mabel divertida
-não senhora, diz Benita
A Piúla em minha vida
Eu não suporto a auzencia
Da minha filha querida
[...]

Sim filhinha, disse a moça
Numa breve entonação
Eu falava com Benita
Sobre a tua educação
Vais estudar na Inglaterra
Sei que não dizes o não

Vais com dona Mariana
Uma senhora educada
É a tua professora
Levaras uma criada
A Lili que é obediente
E muito boa empregada

De acordo com Badinter (1985), o envio para a escola funcionava como um meio “moralmente honroso” de se libertar da maternidade, meio este que a personagem Mabel escolhe. A finalidade de educar as filhas longe de casa, além de ser uma estratégia de não se sacrificar com a maternidade, também tinha o objetivo de desenvolver nelas valores nobres para transformá-las em uma mulher esposável. Com isso, oferecer uma boa instrução para garantir um bom casamento para as filhas era mais uma estratégia de recusa à maternagem: “Se nenhum marido se apresentava para as pobres, não era raro que as moças fossem deixadas no convento para vestir o hábito. Quando voltavam definitivamente para casa, os pais tinham uma idéia fixa: casá-las, e livrar-se delas.” (BADINTER, 1985, p.133).

Ao contrário de Mabel, Benita não recusa a vivência da maternagem, já que deseja a filha junto de si, embora veja que a educação é importante como forma de garantir um bom marido para a filha. Todavia, como oferecer uma boa educação implicava afastar-se da filha, Benita recusa a oferta de Mabel. Mesmo sofrendo com a rejeição da filha que não gosta da mãe por ela ser negra, Benita vive a

maternidade como destino. Tanto que, em nome dessa maternidade, acaba morrendo de desgosto por ser rejeitada pela filha. Ou seja, o amor de mãe deve prevalecer ainda que os filhos lhe sejam ingratos. Será também o chamado do amor materno, apesar da resistência em exercer a maternagem, que fará com que Mabel recuse viver um relacionamento amoroso, já que um dos desejos de sua filha, Cilene, era que Mabel nunca mais voltasse a se casar.

3.3 O desrespeito à figura materna leva à punição severa

O cordel *O rapaz que Bateu na mãe e virou Bicho em Feira de Santana*, escrito por Rodolfo Coelho Cavalcante no ano de 1967, narra a história de Dona Alice e seu filho, Aristeu, que é apresentado como playboy e bandido, mas que, ao final da narrativa, será punido por agredir a mãe. As relações entre mãe e filho neste cordel são tensas porque Dona Alice implicava com o modo de vida de Aristeu. A ela não agrada o fato de o filho ser cabeludo. Por isso, aconselha-o a cortar o cabelo e ele se recusa. Várias são as vezes que Dona Alice procura interferir na vida do filho que ele, não mais aguentando tantas intromissões, manda a mãe para o inferno. Mesmo assim, Dona Alice continua a se intrometer na vida do filho tanto que ele, não suportando mais e privado de sentido, a agride:

Quando ela o aconselhava
 Aristeu mais se mordía
 E em 15 de dezembro
 Era chuvoso esse dia
 Quando a mãe dele o acordou
 Aristeu se levantou
 Tomou banho de água fria
 [...]
 Continuou o mau filho:
 - Sou obrigado a dizer
 Um dia dou-lhe uma surra
 Para todo mundo ver
 Chega de chateação
 Me deixe velha cão,
 Cuide lá do seu viver!

Dona Alice inda falou
 Aconselhando Aristeu
 Mas esse mesmo instante
 Tal bofetada lhe deu
 Que a velha caiu chorando
 E a Jesus implorando
 Piedade ao filho seu.

Porém quem bate na mãe
 Jesus Cristo está olhando
 E o castigo do Eterno
 Sobre o mesmo irá chegando
 Como disse o Padre Braga:
 “Mesmo a mãe sem rogar praga
 Éle está se condenando”

Não há outra dor profunda
 Do que a dor da ingratidão
 Ela penetra no peito
 Dilacera o coração
 Lágrimas de mães jorradas
 Por maus filhos são guardadas
 No vaso da punição!

Ai do filho que fizer
 Sua própria mãe chorar
 Cada gôta do seu pranto
 O filho tem que pagar
 Sem sofrer não se redime
 Pois a ingratidão é um crime
 Quem aos seus pais desonrar.

Poupei ó filhos, poupai,
 Os sofrimentos, as dores,
 Dos vossos pais, se quereis
 Receber de Deus louvores,
 Sereis amaldiçoados
 E por certo condenados
 Ferindo os progenitores!

Para Badinter (1985), a mãe é o primeiro educador, sua paciência e amor são as condições para uma boa pedagogia moral. O que, para Aristeu, é implicância da mãe. Nesse caso, dentro do imaginário social que o cordel reitera, zelo materno extremado é o que provoca a ira do filho e, conseqüentemente, a agressão contra a mãe. Ainda assim, a mãe parece não estar errada, pois os excessos dela podem ser lido como uma tentativa de cuidar do próprio filho. Por isso, a agressão de Aristeu é vista como um sacrilégio. Logo, merece ser punida:

Porém Aristeu Conrado
 Não pensou desta maneira
 E naquele mesmo dia
 Que era o de quarta-feira
 Estourou-se a grande bomba
 Porque no bairro do Tomba
 Surgiu um bicho na Feira.

O bicho como morcego

Duas asas possuía,
 A cauda feito um anzol,
 Em tôda Feira corria,
 Nada ele tinha de homem
 Verdadeiro lobisomem
 O monstro se parecia.

Mastigava ele uma ossada
 Fazendo a pior “pintura”
 Prêto da côr de carvão
 Numa tremenda figura
 Tinha um algarismo que era
 Parecido a Bêsta Fera
 Como diz a Escritura!
 [...]

Na primeira reportagem
 Ninguém sabia quem era
 Hoje o povo anda dizendo
 Que Aristeu é Bêsta-Fera
 É coisa do fim do mundo
 E neste tempo profundo
 Fim dos tempos se espera

A atitude de Aristeu é grave porque não só feriu a própria mãe, mas porque transgrediu valores morais e religiosos muito fortes, já que honrar pai e mãe é um dos mandamentos bíblicos. Sendo o cordel o reflexo da cultura que o dá à luz e sendo tal acentuadamente marcada por valores religiosos de base cristã, o cordel em questão não poderia dar outro destino a Aristeu senão transformá-lo em um ser amaldiçoado, ainda que não tivesse sido esse o desejo de sua mãe.

3.4 Honrar os pais é um imperativo

No cordel *Honra o teu pai e tua mãe*, do autor Rodolfo Coelho Cavalcante, escrito no ano de 1970, não há uma história a ser contada propriamente. O autor detém-se em apresentar modelos de conduta moral que passam, necessariamente, pelo respeito à figura dos pais. Assim como é preciso amar a Deus, é necessário amar e respeitar os pais. Quem assim não procede não é um bom ser humano. Para dar sustentação ao seu discurso, o cordelista vale-se de imagens que reiteram certos estereótipos acerca da figura materna que é apresentada como anjo da guarda, rainha do lar, acerca da figura paterna que é mostrada como trabalhadora, forte e provedora do lar e acerca dos filhos que devem procurar ser obedientes e nunca malcriados com os pais:

O filho que é bom
 Nunca responde a mãesinha,
 Pois Ela é o Anjo da Guarda
 Do próprio lar a Rainha
 Quando o filho é malcriado
 Não sente ele o pecado
 Que no coração se aninha

Muitos lares são desfeitos
 Porque a Religião
 É algo não praticado,
 Fugindo com a obrigação,
 Se os filhos amassem a Deus
 Por certo leitores meus
 Teriam outra noção!

Quem possui um velho pai
 Que trabalha noite e dia
 Para manter o sustento
 Do seu lar com energia
 Deve sempre respeitá-lo
 E por toda vida honra-lo
 Para ter paz, alegria!

Feliz do filho que tem
 U'a mãe sempre ao seu lado,
 Pois não há outro tesouro
 Igual ela comparado
 Todo filho obediente
 Será êle eternamente
 Por Jesus abençoado!

O público dos versos acima é os filhos. O objetivo do poeta é instruí-los no respeito e obediência aos pais. Só assim, os filhos poderão ter uma vida de felicidade e prosperidade. Para tanto, o poeta se utiliza de argumentos de cunho religioso para mostrar que, assim como determinadas figuras bíblicas, a exemplo de Davi, Salomão, Abraão, é preciso honrar pai e mãe e isso é bom aos olhos divinos. Tanto que os filhos que não descumprem o segundo mandamento são recompensados.

Embora o título do cordel seja *Honra o teu pai e a tua mãe*, o discurso do poeta centra-se muito no respeito à figura materna, relegando a um segundo plano a figura paterna tanto que sobre tal figura não mais se falará no cordel. Esse se centra na idealização extrema da figura materna que é colocada, lado a lado, com a figura de Deus:

Da mesma forma u'a mãe

Que ao seu filho tem amor...
 É a pureza de um lírio
 No seu excelso esplendor
 Mãe – é a pura quintessência
 Tirada do Criador!

Falar sobre mãe o amor materno
 Quero que o leitor bem pense,
 É algo muito sublime!
 Assim disse um ateniense –
 É a rozeira que florou
 E o botão desfolhou
 Cuja vida lhe pertence!

Eu só comparo uma mãe
 Um Oceano agitado
 Que recebe todos filhos,
 Mesmo o mais distanciado...
 Filhos são rios que correm,
 Uns lhe alcançam outros morrem
 Sem o seu beijo sagrado!

Comparar o amor de Mãe,
 Quem o pode comparar?...
 É além do infinito,
 Mais profundo que o mar!...
 Só há um – O CRIADOR
 Que é da própria mãe o Autor
 Pelo seu amor sem par!

Mãe é maravilha única
 Por sua estruturação
 Feita pelo Grande Artista
 Onde pôs um coração
 Do Amor mais infinito
 Cujos nome está escrito
 Na palma da nossa mão!

O nome de Mãe traduz:
 Lealdade, Garantia,
 Amor e Dedicção,
 Respeito, Filantropia
 Luz, Dever, Dor e Saudade
 Que se expressa na verdade
 O doce nome: - Maria!

Não há filho neste mundo
 Que conheça a exatidão
 Da força que o Amor tem
 De uma Mãe – O Coração!...
 Só houve um Sábio, bem sei.
 Que interpretou a Lei
 Da Divina Criação!

As estrofes acima são totalmente dedicadas à figura materna. Verifica-se que o autor associa o amor de mãe a algo sagrado e na sexta estrofe ele compara as mães à imagem da virgem Maria. É por esta razão que Badinter (1985) considera a maternidade um tema difícil de ser questionado, pois é tratado como sagrado, já que a imagem de Maria está em nosso inconsciente coletivo como o exemplo modelar de mãe. Essa sacralização do amor materno nos impede de enxergá-lo como um sentimento como qualquer outro, mas nos impele a pensar que o amor para com os filhos é algo que só deve vir da parte da mãe. Em outras palavras, vivemos em uma sociedade que alardeia o amor materno, punindo as mulheres que não vivem tal amor, mas, ao mesmo tempo, essa mesma sociedade silencia-se acerca do amor paterno. Nesse sentido, Badinter (1985) destaca que o discurso cristão gerou nos homens a ideia de chefe da família, pois foi criado primeiro o homem e dele se originou a mulher, portanto, esta deve ser-lhe submissa. Quanto à relação entre pais e filhos, cabe à figura paterna apenas a autoridade, pois no quesito “autoridade” a mulher é inválida e necessita da consistência masculina. Dentro dessa lógica, nas relações familiares, a figura do pai deve ser vista apenas como a de autoridade que devia ser obedecida e não como a de afeto.

3.5 A morte da figura materna

O cordel *Quando minha mãe morreu*, escrito por Cícero Vieira em 1985, descreve o processo do fim da vida de sua progenitora. O autor, que se coloca como protagonista da narrativa, inicia os versos afirmando a relevância da figura materna em sua vida:

Quando minha mãe morreu
 Tive desgosto sem fim
 Eu não sei se todos os filhos
 Têm um sentimento assim
 Pois a minha vida já viveu
 Criou filhos e morreu
 Mas é lembrada por mim

No ano 57
 A 5 mês de agosto
 Minha esperança escondeu-se
 Nas entranhas do meu rosto
 Data jamais esquecida
 Que perdi mamãe querida
 O ser que me deu mais gosto

[...]

O portador da saudade
 Na minha porta bateu
 Pediu que eu escrevesse
 Tudo que aconteceu
 Na hora da despedida
 Quando minha mãe querida
 Sua existência perdeu

O discurso do cordelista centra-se no âmbito afetivo, a morte da sua mãe lhe causou tanto desconforto que sua vida parece não ter mais sentido. A ausência materna é tão sentida pelo poeta que ele vive em função da saudade, uma saudade carregada de sofrimento, e que o faz descrever a morte da mãe. Tal fato nos leva à interpretação de que a necessidade do autor em relatar em versos o acontecimento difícil satisfaz a carência materna:

Na hora que minha mãe
 Seu último suspiro deu
 Apagaram logo a vela
 E disseram já morreu
 Essa voz de desenganos
 Traumatizou meus manos
 Meus tios meu pai e eu
 [...]

Foi quando vi minha mãe
 Num caixão preto e estreito
 Com um cordão na cintura
 E as mãos posta no peito
 Numa mortalha vestida
 Roupa eterna de dormida
 No seu derradeiro leito

Ficou repleto o terreiro
 Do velho casebre dela
 Pra assistirem a partida
 De uma mãe tão singela
 Que a tantos deu a vida
 E na hora da partida
 Não levou ninguém com ela

Saiu de casa o enterro
 Dez e meia da manhã
 A carretinha funerária
 Devagar rompendo a chã
 E o povo atrás a pé
 Fazendo ato de fé
 E piedade cristã

Quando a carreta passou
 No portão do monte Santo

Eu vi a cova de mãe
 Aberta lá num recanto
 Nessa hora desmaiei
 Uns dez minutos fiquei
 Sem poder sair do canto

[...]

Na beira da sepultura
 Todo aquele pessoal
 Reabriu o caixão dela
 Para vê-la a vez final
 Nisto chegou o coveiro
 Fechou o caixão ligeiro
 E tratou do funeral

[...]

O sino da capelinha
 Com sua voz tão sentida
 Lentamente anunciava
 O momento da partida
 De quem com vida viveu
 Deixou a vida e desceu
 Pra onde não tinha vida

Nos versos acima, o autor reflete sobre o fim da vida de sua mãe, mas deixar transparece o quão é forte o vínculo mãe-filho, que nem a morte conseguiu romper. Ainda que a morte signifique o fim do corpo físico, ela não apaga os afetos deixados por aqueles que não mais se fazem presentes fisicamente.

Badinter (1985) cita a ideia rousseuniana que alude sobre a independência dos filhos. Essa concepção diz respeito à chegada da vida adulta, quando os filhos devem conservar um sentimento de reconhecimento em relação aos pais. Porém, o filósofo francês diz que é preciso que os laços entre filhos e pais vão se dissolvendo, pois os filhos devem apenas permanecer ligados aos pais enquanto precisarem deles para subsistir. Em contraposição a essa concepção, Badinter (1985) nos diz que romper os laços com os pais com a chegada da vida adulta faz toda nossa concepção atual de família se tornar falsa e mentirosa, pois isso leva a interpretação de que o amor nunca existiu, a menos que esse sentimento tenha permanecido apenas durante o período em que os pais educaram os filhos.

3.6 Interrupção da maternidade

O cordel intitulado *Os abortos provocados* do autor Jota Rodrigues, publicado em 1997, traz à tona a temática do aborto. O cordelista inicia os versos listando os tipos de abortos, que em sua concepção são quatro: aborto terapêutico, aborto

criminoso, aborto provocado e o aborto natural. Porém, a discussão centra-se nos abortos provocados, por se tratarem de atitudes femininas conscientes, e veremos claramente que são atos que o autor repugna.

Há quatro tipos de abortos
 Neste globo universal
 Um é o aborto terapêutico
 Qui é feito no hospital
 Tem o criminoso e o provocado
 E um por Deus abençoado
 Qui é o aborto natural
 [...]

Os abortos criminosos
 E o provocado é um só
 É a corda e a caçamba
 Unidas no mesmo nó
 Tem a mesma natureza
 Qui trucidam vitima indefesa
 Sem piedade e sem dó

Mocinhas arranjam filhos
 Namorando em pes de muros
 E dustreis aos quatros meis
 Já qui se ver em apuros
 E pra do filho se livrar
 Não se emporta em apelar
 Para processos mais duros

Tomam raizis de pau
 De efeitos abortivos
 Chás de hervasqui também
 Tem poder destrutivos
 E toda aquela xaropança
 E para matar a criança
 Seus unicos objetivos

O discurso do cordelista é direcionado à figura feminina, produzindo o efeito de que a responsabilidade após a relação sexual é apenas da mulher, ou seja, a consequência de uma gravidez indesejada não cabe ao homem. Se pensarmos por essa vertente, facilmente podemos afirmar que as mulheres por se verem sozinhas, preferiam o aborto, pois a maternidade solo era mal vista na sociedade patriarcal. E é nessa mesma perspectiva patriarcal que o autor reforça seu discurso, afirmando que as mulheres que cometem tal ato, são castigadas com filhos defeituosos ou desenvolveram alguma mácula por terem atentado contra uma vida. Vejamos:

E essas mães não conhecendo

A força qui as hervas tem
 Fasem uma xaropada
 Induzidas por um alguém
 Qui também dezenformada
 Caira nesta enrascada
 Para assacinar o nenen
 [...]

E de toda essa misturada
 No ventre o nenen recebe
 Uma dozagem de extratos
 Qui seu desenvolver impede
 São seres em formação
 Qui envenenados são
 E isto as mães não percebe
 [...]

E no ventre o nenen se bate
 Mais não encontra saída
 E a pequena vitima indefesa
 Sem força e desprotegida
 Sofre a monstruosidade
 De uma mãe que sem piedade
 Negou Le o direito a vida

E quando uma dessas crianças
 Tem a sorte de escapa
 Nascem com defeitos físicos
 Segou ou sem poder andar
 Mongoloide ou sem juízos
 Qui são os merecidos castigos
 Das mães qui querem abortar
 [...]

E noventa e oito por cento
 Das mães qui fazem aborto
 A tendência é na velhice
 Ter dezrespeito e dezgosto
 Cada um deles praticado
 É um crime a ser cobrado
 E os castigos vem a solto

O autor descreve que o ato de abortar, mesmo que haja eficácia, a mulher irá pagar, pois a interrupção da maternidade é um ato muito grave e merece castigo. Ou seja, mulheres que interromperam a gestação são vistas como “mães más” e portanto as “aberrações” são consequências dos seus atos impetuosos. Segundo Linhares (2019) a igreja católica no que diz respeito a sexualidade, tem papel preponderante, seja de influenciar ou até mesmo de determinar posições do Estado.

O aborto, portanto, para o catolicismo é absolutamente ofensivo, pois definem o ato como um atentado contra a vida.

O cordel foi publicado no final da década de 90 do século passado, década em que o tema do aborto no Brasil passa a ser uma das mais incisivas pautas das feministas que reivindicaram a descriminalização do aborto e, conseqüentemente, o amparo legal para as mulheres que precisassem se submeter a essa prática. Sabemos que a descriminalização do aborto é uma questão de saúde pública, visto que, por mais que grupos conservadores se oponham a isso, o aborto é praticado clandestinamente e muitas mulheres, em sua maioria, pobres, morrem sem a devida assistência.

Apesar da resistência dos grupos conservadores, muitas feministas conseguiram em muitos municípios leis que garantissem atendimento de saúde às mulheres que precisaram fazer aborto dentro dos casos permitidos por lei. Pela leitura do cordel, percebemos que o discurso do cordelista reitera a perspectiva condenatório acerca do aborto em consonância com valores morais e religiosos que veem como um ato contra a vida e não como um direito da mulher sobre o próprio corpo.

Em 2000, o mesmo cordelista retoma o tema do aborto em um novo cordel. Em *Os Abortos por Opção*, ele insiste na condenação do aborto e defende que essa é uma prática que as mulheres realizam por vaidade para manter “corpo esbelto” ou por indecência, já que ele coloca que o aborto é praticado por mulheres que engravidam dos amantes. Segundo Stevens (2007), as concepções patriarcais tiveram/têm impacto na vida dos homens e mulheres, mas não de forma igualitária. Se coube ao sexo masculino a hierarquia, o individualismo e independência, às mulheres, sobretudo às mães, essas qualidades tornam-se defeitos. Em outras palavras, uma mulher que pratica o aborto é uma mãe sem coração, mas o abandono paterno é um assunto silenciado. Aliás, é visto dentro de uma perspectiva que o naturaliza, como se o cuidado com os filhos fossem da ordem apenas do feminino.

Apesar de ainda manter um discurso contrário à prática do aborto, o cordelista, na publicação de 2000, pontua que ele pode ser praticado em duas situações: na primeira, quando as mulheres estão contaminadas por AIDS, pois a criança nascerá com a doença; a segunda, em casos de estupros de crianças e

mulheres com doenças mentais. Ainda assim, o cordelista ressalta que o aborto deve ser sempre a última “opção”.

3.7 A mãe que gera e a mãe que materna

O cordel *Martírios de uma mãe ou as dores de Marina*, escrito por Arievaldo Viana Lima no ano de 2002, conta a história de Marina, uma moça pobre, mas que, em virtude de tamanha beleza, era cobiçada por rapazes de diferentes posições sociais. Apesar dos cortejos, Marina preferiu se apaixonar por um rapaz chamado Júlio, que era da “igualdade” dela, pois o cupido teria sido travesso. O pai de Marina aprovava o casamento, mas a madrasta não. Ela não se conformava que a enteada tivesse rejeitado casamento com o filho de um fazendeiro. Para a madrasta, casamento não se fia com laços afetivos, mas, sim, financeiros.

Mesmo assim, Marina e Julio se casam. Como o casal, por causa da seca perde toda a plantação e o rebanho, Julio precisa partir em busca de emprego no Sudeste e Marina, grávida, teve de voltar para a casa do pai e da madrasta. Devido a um acidente na construção civil Julio ficou impossibilitado de mandar notícias, e isso fez com que a madrasta de Marina deduzisse que ele estava com outra mulher. A partir daí Marina vive o drama de mulher abandonada:

Com a morte do seu pai
Marina ficou passada
Sem notícia do marido
Se julgando abandonada
E ainda por cima a madrasta
Maltratava a enteada.

Dizia a velha: - Eu não sei
Como havemos de passar
O menino vai nascer
Mas não podemos criar
Seu pai não deixou herança
E eu não posso trabalhar.

Marina então disfarçava
Um lamento contrafeito
Sentindo grande amargura
Dilacerando seu peito
Dizia: – hei de criá-lo
Para isto Deus dá o jeito!
[...]
–Por quê choras, minha filha?
Lhe disse a freira sorrindo,
Por certo são essas dores

Que você está sentindo
 Faça uma prece à Jesus
 Que ele está nos ouvindo!

–Não irmã, não são as dores,
 Disse a madrasta apressada
 Essa pobre tem marido,
 Porém foi abandonada
 Não pode criar o filho,
 Veja como é desgraçada!
 [...]

Agora vejam leitores
 A cilada do destino
 Um casal de alemães
 Veio ao torrão nordestino
 Naquele mesmo período
 A procura de um menino.

O casal não tinha filhos
 E pretendia adotar
 Uma criança carente
 Para com zelo criar
 E nesse dito hospital
 Veio então se informar.

A madrasta de Marina
 Insistiu com a irmã:
 – Vamos dar o filho dela
 Para a mulher alemã
 Quem sabe, este menino
 Terá um novo amanhã
 [...]

Tanto fez, tanto insistiu
 Que Marina amoleceu
 Com medo de passar fome
 O próprio filho ela deu
 Embora não conte as vezes
 Que disto se arrependeu

Nas estrofes acima, Marina abandona o próprio filho por não ter condições de criá-lo. Dentro do nosso imaginário social, o abandono materno é condenado. A mulher que o pratica é condenada como desnaturada, por ter ido de encontro a sua “natureza” que era cuidar do filho. Não se questionam as razões por que uma mãe é levada a abandonar um filho porque, se assim ela agiu, o veredicto já está dado: ela deve ser condenada porque não se portou como uma verdadeira mãe. Dentro dessa lógica, a verdadeira mãe é aquela que se sacrifica, que faz tudo para criar os filhos. Não se vê a entrega de um filho como um gesto de amor por parte da mãe. Essa

perspectiva é cruel com as mulheres: a mãe que gera e a mãe que, não tendo gerado a criança, a materna. Por isso, conforme Stevens (2007), faz-se necessário considerar a multiplicidade da maternidade, visto que só se leva em conta a mãe tradicional, desconsiderando-se a mãe lésbica, o homossexual que materna, a mãe de aluguel, a mãe adotiva etc. No caso do cordel em análise, além da mãe biológica, temos a presença da mãe adotiva:

O casal que o adotou
Era rico, sem medida
E para eles, o garoto
Era tudo em sua vida
Por isso o menino teve
Uma existência florida.

Chamava-se Godofredo
Lá foi muito bem criado
E nas melhores escolas
Com zelo foi educado
E pela graça divina
Um dia ele foi tocado.

Chegou para sua mãe
E lhe disse um certo dia
Que ia para o convento
Estudar teologia
A sua mãe adotiva
Sentiu profunda alegria.
[...]

Quando ele se ordenou
Seu pai emocionado
Revelou a sua origem
O país e o estado
Aonde ele nascera
E tinha sido adotado

Ele não ficou chocado
Porque já desconfiava
A sua pele morena
Com a do pai constatava
Por respeito e educação
Ele nada perguntara.

O cordelista nas estrofes acima demonstra que a biologia não é determinante na hora de formar laços de afeto, de cuidado. Apesar desse olhar, o discurso que o cordelista constrói segue uma perspectiva que reitera a visão segundo a qual a mulher que abandona um filho deve ser marcada pelo sofrimento e, portanto, deve pagar por seu ato quase criminoso. Apesar de ter tido outras crianças, Marina sente

um vazio e sofre com as humilhações e agressões do marido que, após o retorno do Sudeste, ao saber que o filho tinha sido entregue pela esposa a um casal para adoção, se tornou alcoólatra. Marina sofre e esse sofrimento é tido como merecedor por ela ter sido fraca e ter abandonado o filho. Ela é tida como uma mãe insensível e, por isso, merece ser punida. Esse sofrimento só será reparado quando Godofredo, desejoso de conhecer os pais biológicos, aparece. Nesse momento, Júlio para de beber e Marina não sofre mais “o grande mal” por ter dado seu filho. Ou seja, a sagrada família encontra-se devidamente restaurada.

4. Considerações finais

O presente trabalho *Mãe em versos: representações da figura materna na literatura de cordel* abordou o tema da maternidade no intuito de demonstrar, através de cordéis, se houve mudanças acerca das imagens e discursos em torno dessa figura. Embora o tema reflita sobre o papel materno, há uma ausência de mulheres enquanto autoras dos cordéis. Dos sete cordéis analisados, apenas um há a presença de uma autora. Logo, ao decorrer das análises, notamos que os autores ainda são influenciados pelo discurso patriarcal, mesmo que, ao longo do tempo, tenha havido transformações notáveis no papel da mulher na sociedade, a exemplo das demandas presentes nas pautas dos movimentos feministas em prol de igualdades e direitos sociais para as mulheres.

A intenção de escolher cordéis de diferentes décadas foi justamente para percebermos se no percurso a idealização da figura materna ia se modificando, porém, o olhar masculino sobre a maternidade reforçou estereótipos femininos, criando um padrão materno assim como um modelo de família. Reparamos, por exemplo, nos cordéis do autor Jota Rodrigues, um olhar condenatório em relação às mulheres que praticam o aborto. Já nos casos em que há personagens femininas emancipadas, a exemplo do cordel de João de Athayde, logo, as personagens são mascaradas com a naturalização do sofrimento materno.

Sob outra perspectiva, também podemos citar o cordel que se mostra considerar a complexidade da maternidade, escrito por Eriivaldo Vianna, que alude sobre a mãe adotiva, porém, reprova o ato da mãe biológica em ter dado o filho. Por último, a perspectiva feminina sobre a maternidade, de Alayde Lima, a autora recriou no cordel a violência doméstica, que conduziu a protagonista a matar o próprio marido, assim como romper os limites do espaço privado, todavia, o cordel é marcado pelas relações mãe-filhos que são extremamente conturbadas e mais uma vez o sofrimento materno é glorificado.

Assim, todas essas ponderações tentaram de alguma forma demonstrar que a idealização da maternidade permanece como uma das marcas das estruturas patriarcais em que se assenta a nossa sociedade e que, de certa forma, ignora a complexidade da maternidade.

5. Referências

ABREU, Márcia. "Então se forma a história bonita": relações entre folhetos de cordel e literatura erudita." *Horizontes Antropológicos* 10.22 (2004): 199-218. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v10n22/22701.pdf>> Acesso em: 05 nov. 2019.

ABREU, Márcia. **História de cordéis e folhetos**. Campinas – SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999.

ALMEIDA, Leila Sanches de. **Mãe, cuidadora e trabalhadora: as múltiplas identidades de mães que trabalham**. *Rev. Dep. Psicol., UFF*, v. 19, n. 2, p. 411-422, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010480232007000200011&lng=pt&tlng=pt>.. Acesso em: 08 set. 2018.

ATHAIDE, João Martins de. **Mabel ou lágrimas de Mãe**. Ed. Prop. José Bernardo da Silva, 1956.

BADINTER, Elisabeth. **Amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARBOSA, Clarissa Loureiro Marinho. **As representações identitárias femininas no cordel: do século XX ao XXI**. 2010.. 2010. 297 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/7441/1/arquivo455_1.pdf>. Acesso em: 17 set. 2019.

BARSTED, Leila Linhares (Org.). Legalização e descriminalização: dez anos de luta feminista. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento Feminista Brasileiro: Formação e Contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 179-207.

CARREIRA, Shirley de Souza Gomes. **Em nome da mãe: uma reflexão sobre a representação do gênero em obras da literatura contemporânea.** 2010. Disponível

em: <https://ufsj.edu.br/portal2repositorio/File/vertentes/Vertentes_36/shirley_carreira.pdf>. Acesso em: 25 out. 2018.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. **Honra o teu pai e a tua mãe.** 1970.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. **O rapaz que bateu na mãe e virou bicho em Feira de Santana.** Ed. Prop. Rodolfo Coelho Cavalcante, 1967.

CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE E CULTURA POPULAR (BRASIL). **Página principal do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular.** Rio de Janeiro: Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, 2018. Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/interna.php?ID_Secao=65>. Acesso em: 25 set. 2018.

COSTA, Irla Henrique; ANDROSIO, V. de O. **As transformações do papel da mulher na contemporaneidade.** Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:http://www.pergamum.univale.br/pergamum/tcc/Astransformacoesdopapeldamulhernacontemporaneidade.pdf>> Acesso em: 05. Nov. 2018.

DEL PRIORE, Mary. **Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia.** São Paulo, 1993.

D'OLIVO, Fernanda Moraes et al. **O social no cordel: uma análise discursiva.** 2010. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/269208/1/D%27Olivo_FernandaMoraes1986-_M.pdf>. Acesso em: 05 out. 2018.

LIMA, Alayde. **História da mulher defensora um exemplo de amor maternal.** Ed. Prop. Alayde Lima, 1941.

LIMA, Arievaldo Viana. **Martírios de uma mãe ou dores de Marina.** Fortaleza: Editora Realce, 2002.

LIMA, Eliane Ferreira de Cerqueira. **O encontro com o arquétipo materno: Imaginário e simbologia em Lya Luft**. Diss. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

RODRIGUES, Jota. **Os abortos por opção**. 2002.

RODRIGUES, Jota. **Os abortos provocados**. 1997.

SILVA, Cícero Vieira da. **Quando minha Mãe morreu**. Rio de Janeiro: Gomes Artes Gráficas, 1985.

SILVA, Paulo Geovane; TOMÁCIO, Douglas. **Literatura de cordel no Brasil: um ponto no mar da lusofonia**. *Revista Odisseia*, n. 13, p. 44-57, 2014.

STEVENS, Cristina. Maternidade e feminismo: diálogos contemporâneos. In: STEVENS, Cristina. **Maternidade e feminismo: diálogos interdisciplinares**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007. p. 17-71.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA (BRASIL). **Busca do acervo de cordel da Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida**. Campina Grande: UEPB, 2018. Disponível em: <<http://bibliotecaatilaalmeida.uepb.edu.br/#acervo>>.. Acesso em: 20 set. 2018.